

MORTE E EXISTÊNCIA: HEIDEGGER E SARTRE¹

Sâmara Araújo Costa^{2,3}

samara.araujo@gmail.com

Resumo: Este trabalho investiga a noção de morte sob as perspectivas filosóficas de Martin Heidegger, em *Ser e Tempo*, e Jean-Paul Sartre, em *O Ser e o Nada*. Buscamos compreender como ambos os autores estruturam essa questão, analisando suas relações com os conceitos de angústia, autenticidade e liberdade. Heidegger argumenta que a consciência da morte permite ao ser humano viver de forma autêntica, assumindo sua finitude e construindo sua existência com base em escolhas individuais. Em contraposição, Sartre rejeita a ideia de que a morte possa conferir qualquer sentido à vida, enfatizando que, ao morrer, o ser perde sua liberdade e se torna objeto do discurso do outro. Ao longo do artigo, discutimos os principais pontos de convergência e divergência entre essas abordagens, evidenciando suas implicações para a filosofia existencialista e para a compreensão do sentido da vida e da morte..

Palavras-chave: Morte, Heidegger, Sartre, angústia, autenticidade.

¹ Recebido: 11-09-2025 / Aceito: 14-12-2025 / Publicado on-line: 30-12-2025.

² É doutora pela Universidade do Porto (U.PORTO), Porto, Portugal.

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2157-2994>.

1. Introdução

A morte, enquanto fim da existência humana, tem sido uma das questões centrais da filosofia ocidental, sendo abordada de diferentes maneiras ao longo da história do pensamento. No entanto, a reflexão sobre a morte ganha contornos particulares nas obras de Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre, que, apesar de suas divergências filosóficas, dedicaram grande atenção ao impacto da finitude na vida humana. A análise de Heidegger, apresentada em *Ser e Tempo*, trata a morte como uma possibilidade essencial e determinante para a autenticidade do ser humano, ou *Dasein*. Para ele, é na antecipação da morte que o ser humano pode verdadeiramente se reconhecer e assumir sua liberdade, afastando-se das imposições do impessoal. Por outro lado, Sartre, em *O Ser e o Nada*, aborda a morte como uma contingência, um evento que não pode ser vivenciado e que dissolve qualquer possibilidade de liberdade ou significação para o indivíduo, uma vez que, ao chegar, ele deixa de ser um sujeito ativo e passa a ser definido pelos outros.

Heidegger e Sartre buscaram compreender o papel da morte na vida humana, incentivando-nos a refletir sobre o significado que lhe atribuímos. Heidegger aborda a morte de maneira positiva, vendo-a como um impulso para a individuação e para uma vivência autêntica. Essa perspectiva leva o indivíduo a valorizar a vida em suas diversas possibilidades, tornando-se único ao fazer escolhas conscientes. Sartre, por outro lado, rejeita a ideia de que a morte possa conferir significado à vida. Para ele, a morte retira o sentido da existência, transferindo-o para o discurso

dos outros. Essa visão não parece preocupar Heidegger, que enfatiza a importância de antecipar a morte para individualizar a existência. Assim, as abordagens de ambos os filósofos sobre a morte são contrastantes; embora Sartre critique o pensamento de Heidegger, parece que tal crítica não o atinge profundamente, refletindo as divergentes perspectivas de cada autor.

2. A Morte e a Autenticidade em Heidegger

Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, descreve os vários modos de ser do *Dasein*, aquilo que torna o ser humano aquilo que é em sua existência, voltada para o ser prático que constitui tais modos. Trata-se do homem no mundo, relacionando-se com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Ele encontra e apresenta estruturas existenciais que perpassam todo ser humano, e como em qualquer cultura, esse ser se insere e se relaciona. Ao tentar descrever o *Dasein*, a vida do homem e suas possibilidades de ser, podemos entender melhor o que Heidegger define nas palavras de Pizzolante:

Este ente é chamado Da-sein (da=aí; sein=ser), e pode ser entendido como a vida do homem, como a existência humana. Vida não num sentido biológico ou existencialista (que se refere apenas às formas que a existência que se dá diante da abertura ao que é, no estar postado diante do ser, exposto ao ser, um existir que se dá no ver o ser. Da-sein, portanto, é vida, é a existência que acontece num suceder, devir, vir a ser (2008, p. 26).

Em Heidegger, a morte não é apenas um evento final, mas constitui o *Dasein* enquanto um ser que sempre se

antecipa. O está em constante movimento de projetar-se, e esse projeto só se completa na morte. Isso significa que o ser humano nunca experimenta sua totalidade enquanto vive, porque sempre existe o “poder-ser” – a possibilidade de continuar se tornando algo. Para Heidegger, a morte deve ser reconhecida como um fato que exige uma tomada de posição existencial. O *Dasein* deve encarar a possibilidade de sua finitude e, por isso, engajar-se autenticamente no momento presente. No entanto, é importante destacar que, segundo *Ser e Tempo*, o caráter de “ser-para-a-morte” não significa apenas viver o presente de maneira imediata. Pelo contrário, revela a essência do *Dasein* como possibilidade, permitindo que ele se antecipe e se projete para o futuro. Portanto, a morte não deve ser entendida apenas como um fim, mas como uma força que dá autenticidade e orientação ao *Dasein*, possibilitando que ele viva de maneira projetada e consciente de suas potencialidades. Como escreveu Benedito Nunes:

O *Dasein* se desencobre como poder-ser. Mas sendo essa possibilidade sempre minha, ela seria a todo instante recuperável, a existência se prolongando infinitamente. Mas desde o princípio o *Dasein* está predeterminado pelo seu fim. Basta o homem viver, que já é bastante velho para morrer, reza antigo provérbio alemão. Então a morte é esse fim “como possibilidade da impossibilidade”. Estamos diante do não-ser como essência da existência. Eis em que consiste o ser-para-a-morte (2002, p. 19).

No anteceder-se a si mesmo, que é inerente ao *Dasein*, como projeto inacabado, a morte é o deixar de ser, é perder a possibilidade de se projetar. Portanto, afirma-se a necessidade de poder visualizar-se terminado em suas

possibilidades, para inserir-se de modo fidedigno no que se vive. Como a condição do Dasein é permeada por possibilidades, analisar a morte é uma tentativa de se inserir no tempo, saber de sua condição e abrir-se como ser para as possibilidades em vida. Por isso, o homem deve agir porque é finito. Ao tentar descrever o Dasein, Heidegger pergunta-se: é possível um ser humano completo, um ser terminado que é acessível a si? E responde que não, pois o ser está sempre adiantado em relação a si, há sempre algo faltante. E até a morte é uma possibilidade: *O ser para a possibilidade enquanto ser para a morte, no entanto, deve relacionar para com a morte de tal modo que ela se desentranhe nesse ser e para ele como possibilidade. (...) como a possibilidade da impossibilidade da existência* (Heidegger, 2005, p. 45-46).

Faz-se necessário ter por necessária e verdadeira a possibilidade da morte, que é sempre própria, e é isso com que faz que haja também um comportamento determinado também com a própria existência: “*a evidência dos dados imediatos das vivências, do eu e da consciência permanece necessariamente aquém da certeza incluída na antecipação. (...) enquanto poder-ser, a pre-sença que eu mesmo sou só pode ser propriamente na antecipação*” (Heidegger, 2005, p. 49). Assim, existimos como potência para atualização, mas nossa existência é sempre potência, mesmo no presente, ou atual. Se não houver qualquer possibilidade que se possa antecipar, claramente é por que a possibilidade mais extrema nos veio: “*a possibilidade mais própria, irremissível, insuperável é certa*” (Heidegger, 2005, p. 48).

A morte é uma possibilidade indeterminada, não sabemos quando ou onde, e tal antecipação do ser-para-a-morte fornecem um outro valor pra vida. O ser-para-a-morte questiona-se sobre como deve viver, antecipando-a possibilidade mais própria. A morte seria, então, a completude do Dasein? Heidegger vai apontar que não, pois, quando se está morto, não há mais possibilidade de experienciar a própria existência. A morte é a última possibilidade, e quando a impossibilidade torna-se possível. E não há qualquer possibilidade de lidar com a morte a partir de uma compreensão existencial. A morte não é algo que se experimente. Devemos considerar que a experiência da morte, em suas manifestações no Dasein, e que pode parecer estranho, mas segundo Heidegger, não o elimina. Findar não é o mesmo que estar completo, tendo em vista que o estar vivo é sempre antecipar-se às possibilidades. E, quando completo, seria como acabado intencionalmente, o que não acontece na morte. Quando o Dasein morre, ele está terminado, mas de forma incompleta: projetos e possibilidades permanecem abertos, interrompidos pela morte, não haverá mais qualquer compreensão em suas possibilidades de ser.

Não se trata de entender a morte filosoficamente apenas como um caso de interpretação ou questionamento. A morte simplesmente acontece, e temos consciência disso. Trata-se de analisá-la como um “fenômeno da vida”, não apenas no aspecto físico e biológico, mas também no âmbito ontológico; que se dá no Dasein, como caracterização da constituição fundamental deste. Nesse sentido, ao investigar

a noção de Dasein, a morte passa a ser entendida filosoficamente, e seu papel fundamental no “findar” do Dasein, “*a possibilidade certa da morte abre a pre-sença como possibilidade apenas no sentido de, antecipando-a essa possibilidade possibilitar a si mesma como o poder-ser mais próprio de si*” (Heidegger, 2005, p. 48). O autor sublinha que, ao analisar a morte, compreendemos muito mais a vida humana e os modos de ser do Dasein. O caráter negativo que atribuímos à morte é, de alguma forma, revelado. O entendimento errôneo da morte, que é comum, não expressa verdadeiramente como o fenômeno pode ser abordado de maneira útil. A análise filosófica intervém, indicando a direção que leva à abertura e compreensão que a morte proporciona ao Dasein que está vivo.

O fato é que morremos, e, no Dasein, o ser-para-a-morte, que o constitui fortemente, aponta que a morte que lhe é própria é o seu fim possível que deve ser percebido. Assim, quando nos deparamos com a morte dessa maneira, nos aproximamos do ser-para-a-morte. É dessa forma que o se singulariza e poderá vir a ser autêntico: através da angústia, “*que permite que se mantenha aberta a ameaça absoluta e contínua de si mesmo, que emerge do ser mais próprio e singular da pre-sença. Na angústia, a pre-sença se dispõe frente ao nada da possível impossibilidade de sua existência. (...) o ser-para-a-morte é, essencialmente, angústia*” (Heidegger, 2005, p. 50).

Lidar com a morte é mais comum do que pode parecer, a princípio. Porém, ao refletirmos mais profundamente, percebemos que não é apenas o lidar com a nossa própria morte, mas com a morte do outro. Nesse caso, o outro,

quando morto, aparece como um objeto, um corpo que perdeu vida, e agora é só matéria. A percepção parece indicar que o outro deveria estar vivo, mas não está. Esse é um dos aspectos nos quais o Dasein se relaciona com a morte. Outro modo seria perceber a morte do outro relacionada à sua narrativa, o impacto que causa em nós segundo a vida que se conheceu do morto. Ainda assim, não sabemos o que é o “deixar de viver”, pois, mesmo morto, de alguma forma, o outro ainda permanece vivo de algum modo na perspectiva de quem conheceu sua narrativa e vida.

Pode acontecer de não se ver a morte do outro como uma totalidade e pensar que havia tanto ainda para ser vivido. O impacto da morte do outro está intimamente ligado à vida, à narrativa do que foi aquele ser, em graus que variam de acordo com a inserção na narrativa ou com o significado que lhe atribuímos. Portanto, a morte é vista como uma completude em certos aspectos, quando avaliada do ponto de vista do fim das possibilidades. No entanto, ela não pode ser acessada nem pelo ser que a vive, nem por aquele que a observa. Heidegger estava interessado em lidar com a morte para que ela seja vista de modo filosófico, ontológico, compatível com o que propõe, ou seja, no direcionamento à autenticidade.

Mesmo com o impacto de lidar com a possibilidade iminente de morte, Heidegger afirma que não se pode se relacionar com a morte do outro, pois ela é algo profundamente próprio. Por mais que tenhamos experiências de vários tipos de morte, em diferentes contextos e com várias pessoas, não é possível compreender

a morte de maneira adequada pensando na morte do outro e considerando-a apenas como um mero findar. Tal abordagem não leva à compreensão ontológica da morte. A análise da morte, quando colocada diante de si mesmo, diz respeito à busca pela autenticidade do Dasein. Pizzolante explica o que decorre da análise do ser-para-a-morte que Heidegger propõe em *Ser e Tempo*:

Esse aprofundamento ontológico que abre para o sentido do ser em geral, representa, ele mesmo, uma forma de existência própria: a autenticidade, como o modo em que o homem se vê e se coloca diante de si sua morte, e angustia-se com essa sua possibilidade de não ser. Angustia-se com sua finitude. É a partir da noção de finitude que o tempo aparece como a perspectiva ontológica, na qual se está lançado (2008, p. 99).

A morte só pode ser vivida pelo ser que morre. Embora isso possa parecer evidente, não o é. O objetivo aqui é destituir a morte de seu caráter impessoal. Morrer é o fim da história do indivíduo, algo que lhe surge como uma surpresa. Tudo o que viveu lhe pertence, e o significado de sua vida se perde. O modo como lidamos com a própria morte foi brilhantemente representado pelo protagonista Ivan Ilitch na obra de Tolstói. O que ele experimenta pode ser mais bem expresso na primeira pessoa: “*Não existirei mais e então o que virá? Não haverá nada. Onde estarei quando não existir mais? Será isso morrer? Não. Eu não vou aceitar isso!*” (Tolstoi, 2010, p. 25). Ivan Ilitch via que estava morrendo e desesperava-se. Buscava entender a morte com alguma lógica, afinal, somos mortais e morreremos, mas não consegue-se entendê-la. Tenta-se claramente fugir de qualquer ideia de morte que seja a nossa,

como mostra o livro. E tampouco a entenderemos a estar diante da morte, como o moribundo que teme morrer e treme diante disso. Em Heidegger, o ser-para-a-morte não manifesta esse tipo de medo. Ao contrário, implica a consciência de que perderemos nossa existência: “*No momento em que o ser-para-a-morte cotidiano tenta ‘pensar’ a morte, mesmo que o faça de forma crítica, cuidadosa e adequada, evidencia-se a maneira em que ele apreende a certeza assim fundada. Ao que sabe, todos os homens ‘morrem’*” (Heidegger, 2005, p. 40). Mas tal modo de tentar entender a morte com tal lógica é cair no impersonal, e assim foge-se da morte própria, a cada momento, e fugir dessa indeterminação da morte é que faz que as urgências do cotidiano lhe sobreponham. Enquanto lançados no mundo, já estamos responsáveis pela nossa morte, morremos a cada dia enquanto não deixamos de viver. Não escapamos dessa possibilidade que deve ser compreendida, e Heidegger aponta que não estamos comprometidos com tal certeza que nos é mais própria que todas as demais, permanecendo velada. Somos abertura, e seres em disposição para as possibilidades, o ponto aqui é que o ser-para-a-morte reconhece a possibilidade mais certa e própria, a morte. O agarrar-se à própria narrativa e às possibilidades que ainda poderiam surgir também não é o que Heidegger sugere, pois o projeto existencial deve elaborar a compreensão de sua morte, “*para uma possibilidade privilegiada da própria pre-sença*” (2005, p. 44). Deve ser suportada como uma possibilidade, e o antecipar deve abarcar a possibilidade que lhe é mais própria e certa, a própria morte. O que o libera para tal

insuperabilidade: “*a liberação antecipadora para a própria morte liberta do perder-se nas possibilidades ocasionais, de tal maneira que permite compreender e escolher em sentido próprio as possibilidades fatuais que se antepõem às insuperáveis*” (Heidegger, 2005, p. 48).

Ter por certeza e verdade a própria morte, estando certo de sua presença e estar no mundo poderá reinvindicar lhe um modo próprio de ser-no-mundo, tendo plena consciência de seu existir finito, e o antecipar-se como eu que se quer manter. A ameaça permanente da própria morte causará então um certo modo de disposição, que sempre voltado para o presente, e tal humor, portanto, que Heidegger propõe é a angústia – um estado que transcende o medo:

A angústia, porém, é que permite que se mantenha aberta a ameaça absoluta e contínua de si mesmo, que emerge do ser mais próprio e singular da pre-sença. Na angústia, a pre-sença se dispõe frente ao nada da possível impossibilidade de sua existência. A angústia se angustia pelo poder-ser daquele ente assim determinado e lhe abre a possibilidade mais extrema (Heidegger, 2005, p. 50).

Trata-se de tomar a morte como algo profundamente próprio, algo que é *meu*, irrepreensível e irreplicável. Ninguém poderá representá-la por nós; não podemos ultrapassá-la. Ela é indefinida, e não sabemos quando ela chegará. Portanto, a morte, para o ser-para-a-morte, é a possibilidade mais própria, irremissível, insuperável, certa e indeterminada. O ser-para-a-morte tem diante de si sua própria morte, mas não de forma impessoal, como ocorre ao lidar com a morte do outro. É a possibilidade da sua própria morte que o faz se perceber como um indivíduo que escolhe

suas possibilidades, ciente de que há uma possibilidade que ele não pode escolher: a morte. Irremissível, pois não pode evitar que ela chegue; é certa, pois, partindo do pressuposto de que ela é inevitável, a individuação adquire um caráter de urgência. O ser-para-a-morte sabe o valor do tempo e sua finitude. Insuperável, porque não podemos escapar dessa possibilidade; sua inescapabilidade revela o quanto atribuímos valor à vida. Mesmo que tentemos escapar dela de maneiras inautênticas, abstraindo ou negando a sua realidade, não há como evitá-la. Dessa forma, o caráter de viver uma única vida, com toda a importância que lhe conferimos, sugere a individuação. É indeterminada porque pode ocorrer a qualquer momento. O *Dasein*, como projeto que sempre se antecipa, pode ser interrompido a qualquer instante, sem que o permita. Assim, ao se colocar diante da morte, o *Dasein* revela toda a importância que atribui à vida. Quando esses elementos estão presentes, o *Dasein* percebe que está em angústia, caracterizado o ser que:

se projeta para a morte em sentido próprio, da seguinte forma: a antecipação desentranha para a pre-sença a perdição no próprio impressoal e, emboranão sustendada primariamente na preocupação das ocupações, a coloca diante da possibilidade de ser ela própria: mas isso na LIBERDADE PARA A MORTE que, apaixonada, factual, certa de si mesma e desembaraçada das ilusões do impessoal, se angustia (Heidegger, 2005, p. 50).

Essa é a atitude apontada por Heidegger, que não expressa medo diante da morte, mas sim um direcionamento. A angústia é um estado que permite ao *Dasein* examinar e expressar o quanto pode buscar sua

autenticidade. Ao se perceber inserido em um recorte da realidade que, ao nascer, já estava dado, ele, como indivíduo responsável pela própria vida, tem a capacidade de fazer suas próprias escolhas dentro dessas possibilidades. Kierkegaard, por sua vez, descreve o sentimento de angústia como:

A angústia pode ser comparada à vertigem. Quando o olhar imerge num abismo, existe uma vertigem, que nos chega tanto do olhar como do abismo, visto que nos seria impossível deixar de o encarar. Está é a angústia, vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar o espírito estabelecer a síntese, a liberdade imerge o olhar no abismo das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobrar (1968, p. 66).

A passagem da angústia para a autenticidade ocorre quando o Dasein percebe que a angústia singulariza o ser. Ao se dar conta de como está preso ao impessoal, o Dasein se reconhece e entende que tem a capacidade de se abrir para suas escolhas, individuando-se. O estado perene de angústia se insere no presente; é quando o Dasein se questiona sobre o valor que atribuirá à sua vida. A angústia é, ao mesmo tempo, o momento em que o ser se vê determinado. Nesse momento, o Dasein percebe que estar simplesmente no mundo é uma forma de limitação. Consciente dessa disposição para compreender seu próprio ser no mundo, diante do impessoal, o Dasein sabe que deve agir para individuar-se, escolhendo criativamente o ser que deseja ser. Mesmo reconhecendo sua insignificância diante do todo da realidade, o Dasein encara esse absurdo e, ainda assim, busca justificar-se em suas escolhas, individua-se. Heidegger insiste que a angústia leva à compreensão do ser. Em suas palavras:

Que humor corresponde a essa compreensão? A compreensão do clamor abre a própria pre-sença na estranheza de sua singularidade. A estranheza também desentranhada na compreensão abre-se, de modo genuíno, pela disposição da angústia que lhe pertence. Em seu fato, a angústia da consciência é uma confirmação fenomenal de que, na compreensão do clamor, a pre-sença é colocada diante da estranheza de si mesma. O quere-ter-consciência transforma-se em presteza para a angústia (Heidegger, 2005, p. 85).

Considerar a morte e não temê-la caracteriza o ser-para-a-morte, a própria morte como algo irremediável, que finda todas as possibilidades do Dasein. A percepção da morte como iminente não conduz ao medo no ser-para-a-morte, mas à angústia. Todo ser-aí pode ser ser-para-a-morte, mas o que faremos com essa angústia determinará nossa autenticidade. Quando o ente se torna, a partir das possibilidades que escolheu, ele não é impelido pelo impessoal; o angustiado está interessado em como agir em relação ao seu ser-no-mundo. A angústia singulariza o ser-no-mundo, pois ele se reconhece como único e incompreendido, isolado. Nas palavras de Heidegger:

O ser originário da pre-sença para o seu poder-ser desentranhou-se como ser-para-a-morte, ou seja, para a possibilidade característica e privilegiada da pre-sença. A antecipação abre essa possibilidade como possibilidade. Só antecipando é que a de-cisão se torna um ser originário para o poder-ser mais próprio da presença. A de-cisão só comprehende o “pode” do poder-ser e estar em débito quando ela se “qualifica” como ser-para-a-morte (2005, p. 98).

Tendo isso em mente, a inquietação da angústia, que reúne tais elementos, constitui-se como uma antecipação da morte, uma ameaça, e compõe a passagem do ser que se sente

angustiado, tornando-se singular e autêntico. O autêntico é aquele que escolhe seu próprio ser-no-mundo, retirando-se do impessoal ao reconhecer sua inserção no mundo, mas deixando de ser determinado por ele, pois “É na compreensão do ser-para-a-morte enquanto possibilidade mas própria que o poder-ser próprio se torna totalmente transparente de sua propriedade” (Heidegger, 2005, p. 99). O Dasein autêntico surge das próprias escolhas, antecipa-se como ser-para-a-morte, pois é a partir da abertura para as possibilidades, do conhecimento da morte como sua possibilidade mais própria, que se contrapõe ao impessoal. A morte como possibilidade mais própria obviamente não está lançada no impessoal, não se pode pensar como no caso da morte dos outros, e a própria morte encontra isolada da falação cotidiana, e pensar nesta é o querer ter consciência, nem é tampoco uma tentativa de sua superação:

A indeterminação da morte entreabre-se, originariamente na angústia. Essa angústia originária, porém, aspira a dispor-se à decisão. Ela varre todo o encobrimento acerca do abandono da presença. O nada trazido pela angústia desentranha a nulidade que determina o fundamento da presença que, por sua vez, é o estar lançado na morte (Heidegger, 2005, p. 101).

Portanto, a angústia é a disposição que o ser-para-a-morte vivencia e que o leva a concluir que pode tornar-se autêntico, ao buscá-la até o seu fim na morte. Ao identificar as relações necessárias que Heidegger estabelece, o Dasein deixa de se perder no impessoal e toma consciência da possibilidade de individuação a partir de suas próprias escolhas, de sua singularidade. Ao adquirir essa consciência,

o Dasein já está lançado e aberto para a autenticidade. Assim, Heidegger apresenta a angústia no contexto do ser-para-a-morte:

Como é possível, do ponto de vista existencial, a abertura genuína dessa ameaça permanente? Todo compreender se dá numa disposição. O humor lança a presença para o estar-lançado de seu “que ela é pre-sença”. A angústia, porém, é a disposição que permite que se mantenha aberta a ameaça absoluta e insistente de si mesmo, que emerge do ser mais próprio e singular da presença. Na angústia, a presença dispõe-se frente ao nada da possível impossibilidade de sua existência. A angústia se angustia pelo poder-ser daquele ente assim determinado, abrindo-lhe a possibilidade mais extrema. Porque o antecipar simplesmente singulariza a presença e, nessa singularização, torna certa a totalidade de seu poder-ser, a disposição fundamental da angústia pertence ao compreender de si mesma, própria da presença. O ser-para-a-morte é, essencialmente, angústia. Isso é testemunhado, de modo indubitável, embora “apenas” indireto, pelo ser-para-a-morte já caracterizado, quando a angústia se faz medo covarde, e superando, denuncia a covardia à angústia (2008, p. 343).

Heidegger explica como a angústia, ao nos confrontar com a inevitabilidade da morte, nos permite alcançar uma vida autêntica. A angústia nos abre para a possibilidade mais extrema e nos força a reconhecer nossa finitude, fazendo com que, a partir da aceitação da morte, possamos viver de maneira mais verdadeira e responsável, longe da inautenticidade do medo e da negação da nossa mortalidade.

Sendo o Dasein aquele que se apresenta como projeto e está em formação enquanto é, diante de todas as possibilidades de ser, inclusive a mais própria de todas: sua morte - que será o fim de todas as suas possíveis

possibilidades. Heidegger interessa-se pela angústia como uma disposição que impulsiona e favorece o indivíduo em todas as possibilidades: a de escolher o seu modo de ser, e com toda a sua abertura de ser-no-mundo, o de o ser autêntico.

Assim, em sua abertura como modo de poder-ser, e sua projeção em possibilidades já traz sua compreensão como “*ser compreendido como projeto*” (Heidegger, 2005, p. 203). E projetar-se de modo mais próprio é tornar-se autêntico. O autêntico está comprometido como projeto de ser, não está inteiramente ocupado com sua obra, ou com os instrumentos para tal, nem tampouco está em cada um por vez, mas fundado na temporalidade já se estabeleceu na unidade que é se ocupar-se como projeto e move-se neste.

3. A Morte como Contingência e Absurdidade em Sartre

Em contrapartida, há questionamentos quanto a esta teoria. Em sua obra *O Ser e o Nada*, Sartre aponta algumas de suas objeções ao pensamento de Heidegger, posiciona sua argumentação e direciona sua crítica à fenomenologia, à morte e ao ser-para-a-morte descritos em *Ser e Tempo*.

Primeiramente, a morte em Heidegger, que é uma possibilidade mais própria, não relacional, irremissível, indefinida, é vista por Sartre como algo trivial. Para ele, tudo o que se vive seria propriamente de cada um. Qualquer relação que se estabelece poderia ser tomada por outro, até mesmo na morte. Casos como heroísmo, sacrifícios ou os propósitos poderiam ser realizados por qualquer um. Isso se aplica a qualquer relação em que o ser humano está inserido;

todas as possibilidades lhe são próprias. Sartre escreve: “*Para Heidegger, ser é ser suas próprias possibilidades, é fazer-se ser. Portanto, o que eu me faço ser é um modo de ser. Tanto é verdade que sou responsável pelo meu ser-Para-outro, na medida em que o realizo livremente na autenticidade ou inautenticidade*” (1997, p. 318). E continua: “*eu não seria minha própria autenticidade, a não ser que, sob influência da voz da consciência e com a decisão-resoluta, eu me arremessasse para a morte como minha possibilidade mais própria. Nesse momento, revelo-me a mim na autenticidade, e também elevo os outros ao autêntico junto comigo*” (Sartre, 1997, p. 319).

Portanto, Sartre tenta atingir a descrição de Heidegger, considerando-a algo banal ou falso: “*a teoria de Heidegger nos oferece mais a indicação da solução a encontrar do que a solução mesmo*” (1997, p. 319). Sartre escreveu que a morte não é uma possibilidade própria, pois não há provas de que será a própria morte do ser que o atingirá, algo único e pessoal. Parece sugerir a impossibilidade de sairmos do impessoal, na relação com o outro o que tampouco nos faz reconhecer o outro. E assim, diz que que Heidegger passa do ser-no-mundo para o ser-para-a-morte para tentar resolver esses dois planos, o que para Sartre não se convence: “*Heidegger para passar, em geral, do plano ontológico ao plano ôntico, do “ser-no-mundo” em geral à minha relação com este utensílio particular, de meu ser-para-a-morte, que faz de minha morte minha possibilidade mais essencial, a esta morte “ônica” que terei, pelo encontro com tal ou qual existente externo*” (1997, p. 321). E afirma que tal dificuldade não se passa de um plano assim para o outro, assim como o problema do outro. Assim parece sugerir que

o mundo poderia nos parecer mortal, mas não nos faz passar para outra realidade que não a humana, a do que está dado e do que “há” e mesmo que possa “constituir um mundo como ‘mortal’, mas não uma realidade-humana como ser concreto que é suas próprias possibilidades” (Sartre, 1997, p. 321). Sartre acusa Heidegger de não conseguir sair “de todo idealismo e todo realismo”. Idealista porque a realidade humana não consegue sair da solidão, e o rumo ao outro também é incompatível com suas ideias, pois, se “o outro não é imediatamente presente e sua existência não é tão certa quanto a minha, toda a conjectura a seu respeito carece totalmente de sentido” (1997, p. 324).

A morte é indefinida, não pode ser esperada e tampouco vivida. A espera da morte, para Sartre, é impossível; não há como atualizar tal acontecimento, pois, quando a morte chegar, o ser já não estará presente. Não é uma possibilidade em vida, pois não se pode presenciá-la. A morte é sempre um acidente, não pode ser considerada uma causa como todas as outras, é sempre um susto. E o ponto é que não podemos sempre ter a morte em nosso horizonte, no argumento sartreano, o que parece bastante natural. Sartre conclui contra Heidegger: “que a morte, longe de ser minha possibilidade própria, é um fato contigente que, enquanto tal, escapa-me por princípio e pertence originariamente à minha facticidade” (1997, p. 668). O ponto central de Sartre é, portanto, atacar a morte como possibilidade, negando essa afirmação.

Como a morte não permite a atualização das possibilidades, sendo o fim delas, Sartre não a identifica

como uma possibilidade própria. Ele afirma que a morte não confere significado à vida, pois este significado estará nas mãos do outro. A morte, como possibilidade do ser, só será de fato do ser se este for incumbido de realizá-la, o que não ocorre com a morte. Para Sartre, as possibilidades são o que podemos fazer, escolher. Não se pode considerar a morte como uma possibilidade em vida, pois não podemos antecipá-la, não a conhecemos, e não estaremos presentes quando ela chegar. Possibilidade, para Sartre, é algo que nos acontece enquanto estamos presentes, e a morte não poderá ser uma destas, já que quando esta vier não estaremos mais presentes.

O que seria a morte como uma possibilidade própria, se não se pode realizá-la? Sartre se pergunta. Claramente, como possibilidade é a que põe fim a todas as outras. A morte é o fim de todas as possibilidades. E assim parece relacionar possibilidade com realização e atualização, o que difere de Heidegger. O termo “possibilidade” é o foco de Sartre, que apresenta um contraponto que pode gerar confusões, no sentido em que Heidegger o utiliza. Este último reconhece que não estaremos presentes quando a morte chegar, mas a interpela como uma possibilidade certa e mais própria, pois se refere ao ato de nos retirarmos de como a morte é abordada de modo impessoal. Ao nomeá-la como “possibilidade mais própria” sugere-se que favoreceria lidar com o valor que cada ser confere à sua vida, atribuindo-lhe significação pela individuação diante do reconhecimento da finitude pessoal.

Quando a morte chega, o significado da vida, para Sartre, já está dado. E ao afirmar que a morte não confere significado à vida, transfere essa significação para o discurso do outro. Portanto, a morte não confere sentido à vida para Sartre; ela o retira. Só há significação enquanto estivermos vivos. Este é um ponto com o qual Heidegger parece concordar, ao afirmar que as escolhas são parte do processo de busca pela autenticidade. Mas quando Sartre escreveu que os possíveis sentidos só se darão em vida e, que ao perdê-la, não há como conferimos mais sentido algum, ele parece negar qualquer liberdade de atribuir sentido ao pensar na morte. Não percebe, contudo, a importância de analisar a morte como um ponto positivo para atribuir alguma significação à vida. Como Sartre afirma: “*a morte jamais é aquilo que dá à vida seu sentido: pelo contrário, é aquilo que, por princípio, suprime da vida toda significação*” (1997, p. 661).

Em conclusão, a abordagem heideggeriana da morte se estrutura como uma ferramenta essencial para a autenticidade e a individuação, enquanto a visão sartreana a apresenta como um evento contingente e destituído de sentido próprio. Heidegger enfatiza que a consciência da finitude permite ao ser humano assumir sua existência com maior responsabilidade, evitando a vida inautêntica imposta pelo impessoal. Dito isso, a morte, ao invés de ser um simples fim biológico, adquire um significado existencial fundamental para Heidegger, determinando a maneira como o indivíduo se projeta no mundo.

Por outro lado, Sartre rejeita essa perspectiva, afirmindo que a morte não pode ser considerada uma

possibilidade do ser, uma vez que não pode ser vivenciada: “*a morte, na medida em que pode revelar-se a mim, não é apenas a nadificação sempre possível de meus possíveis – nadificação fora das minhas possibilidades – ou somente o projeto que destrói todos os projetos e destrói-se a si próprio, a impossível destruição de minhas esperas: ela é o triunfo do ponto de vista do Outro sobre o ponto de vista que sou sobre mim mesmo*” (1997, p. 662).

Para Sartre, a liberdade só existe enquanto há consciência, e a morte representa a cessação definitiva de qualquer possibilidade de autodeterminação. Além disso, ao transformar o indivíduo em objeto do discurso alheio, a morte acaba por retirar-lhe qualquer controle sobre a significação de sua existência, tornando-o refém da interpretação do falatório dos outros.

A diferença central entre os dois pensadores está na maneira como interpretam a relação entre a morte e a construção do sentido da vida. Para Heidegger, a morte é um horizonte inevitável que estrutura a abertura do ser, enquanto compreendido como projeto, nos modos de ser na lida e na obra, ou seja, o fazer e o significar a ação. Enquanto para Sartre a morte se apresenta como um evento absurdo que dissolve qualquer tentativa de conferir significado à existência. Essas divergências refletem concepções distintas sobre liberdade, temporalidade e subjetividade, demonstrando como a morte, longe de ser apenas um evento biológico, permanece uma questão filosófica de profunda relevância.

O debate que se vê em Sartre e Heidegger sobre a morte continua a influenciar discussões sobre o sentido da vida, a

condição humana e a forma como enfrentamos nossa própria finitude. Suas reflexões oferecem perspectivas complementares para a compreensão do papel da morte na existência, convidando-nos a questionar como escolhemos viver diante da inevitabilidade do fim. Seja pela busca da autenticidade em Heidegger, seja lá o que isso signifique, assomado à angústia, algo que parece algo como tentar sair do impessoal algo que Sartre não parece acreditar. Por fim, Sartre parece permanecer com a liberdade em atribuir sentido, por mais contingente que este possa parecer. Desse modo, ambas as abordagens ressaltam a necessidade de entender como descrevem o fenômeno da morte.

Sartre estava preocupado com o fato de a morte tomar toda a significação e findar as possibilidades, tornando o ser um objeto que será então definido pelo outro, o que se tornará um problema. A morte finda a liberdade de escolher qualquer sentido; o ser está pronto e acabado, no discurso que agora está nas mãos do outro, que lhe dará a significação que preferir. A significação dada pelo outro, enquanto o ser está vivo, poderia também sugerir que não há significado algum, já que parece que toda narrativa acaba por fim ficar nas mãos do outro. No entanto, Sartre não rejeita a ideia de conferirmos significado à vida. E afirma tal liberdade que temos diante do absurdo da vida. Contudo, parece desejar que não morrêssemos, a não finitude do ser, para que a significação não fosse atribuída ao outro, pois só há liberdade em seres que vivem, evidentemente.

O que não parece atingir Heidegger, que não demonstrou interesse em discutir o momento da chegada da

morte, é o fato é apontar que tem de ser pensada em vida, o que também não poderia ser de outro modo. O antecipar da morte confere significado à vida, diante do significado da temporalidade, da finitude do ser, para Heidegger, ao angustiar-se com a possibilidade da morte própria, busca mover-se no ser conferindo significado como modo de ser particular. O autêntico ocupa-se na lida, com seus instrumentos, mas não se reduz a eles pela intencionalidade que confere à ação.

A individuação e autenticidade partem do indivíduo e de suas escolhas. Para Sartre, a morte é uma forma de absurdo, por carecer de significado e retirar toda a significação. Ela é alheia ao ser. Enquanto se vive, é possível controlar a significação da vida, pois há liberdade para escolher; quando se morre, tal significação será definida pelo outro. Como já foi dito, a morte é indeterminada e a significação fica pendente, como “vida restituída”, como um destino particular no discurso do outro para Sartre. Se houvesse mais tempo, novos significados poderiam ser atribuídos. Há vários significados possíveis; qual seria o correto? Porém, Heidegger também não demonstrou tal preocupação com o fato de que a significação após a morte ficaria em posse do discurso do outro. O indivíduo autêntico está voltado para si, portanto, essa questão parece não afetar o pensamento heideggeriano.

No entanto, Sartre tenta alcançar o pensamento de Heidegger ao afirmar que não se pode esperar a morte, nem antecedê-la, para conferir qualidade ao ser. A morte é contingência e facticidade. Sartre acredita que não há lugar

para se pensar a morte na subjetividade, que é independente dela, como ocorre com todos os nossos projetos. O fato é simplesmente que, para o autor, morremos, e isso é nosso último ato. Ele compara a morte ao nascimento e aponta que ambos são iguais em contingência, situando-se entre a facticidade, que se dá entre ambos, e que constituiria a identidade. A importância que Sartre confere à morte não está caracterizada como parte fundamental da compreensão da vida.

Para Sartre, a morte não nos individualiza, nem fundamenta nossa liberdade, pois a morte parte para a nadificação, retirando todas as possibilidades. Dessa forma, Sartre não concorda com a ideia de antecipar a morte para individuação. A subjetividade é ser livre para fazer escolhas, e Sartre tenta desmistificar essa ideia, já que a subjetividade estará, depois da morte, no discurso do outro. Para Sartre a tentativa de atribuir significado à vida deve ser buscada enquanto estamos vivos, mas não é essa tentativa que nos direciona para a significação definitiva, e afirma que no fim, toda significação estará disposta no discurso alheio. Como ele afirma em suas palavras: “*Tal contingência a subtrai de antemão de todas as conjecturas ontológicas. E meditar sobre minha vida considerando-a a partir de minha morte seria o mesmo que meditar sobre minha subjetividade adotando sobre ela o ponto de vista do outro; vimos que isso não é possível*” (Sartre, 1997, p. 668). O ponto é que ambos concordam que há de criar significado em vida, enquanto Heidegger argumenta da positividade do ser-para-a-morte para tal, Sartre despreza tal possibilidade como possível, pois torna-se ser-para-outro.

Ambos têm um diálogo rico e nos fornecem bastante para refletirmos sobre a morte e o significado que relaciona com a experiência pessoal e impessoal, mas acima de tudo, filosoficamente um fenômeno tão bem tratado pela fenomenologia desses dois autores.

4. Conclusão

Em conclusão, a reflexão sobre a morte, seja na perspectiva de Heidegger ou de Sartre, oferece visões profundamente contrastantes sobre a condição humana e a busca pelo sentido da vida. Para Heidegger, a morte é uma possibilidade essencial e inevitável que, ao ser antecipada e reconhecida, serve como um ponto de referência crucial para a autenticidade. Ele considera que a consciência da finitude e o “ser-para-a-morte” oferecem a oportunidade de um verdadeiro entendimento do ser, permitindo ao indivíduo se projetar no mundo com responsabilidade e liberdade diante das escolhas, seja na lida ou como projeto, retirando-o do impessoal, unificando uma intencionalidade a partir do significado doados em abertura como modo de ser no mundo.

Sartre, por outro lado, vê a morte de modo mais negativo, como um evento que anula a liberdade e as possibilidades do indivíduo. Para ele, a morte é um fim irremediável, que apaga as possibilidades e retira qualquer possibilidade do ser, tornando-o um objeto no discurso dos outros. Nesse sentido, Sartre recusa a ideia de que a morte possa servir como um horizonte que estruturaliza a vida, como propõe Heidegger, pois ele acredita que só o presente

e a subjetividade ativa podem dar significado à existência.

No entanto, a divergência fundamental entre os dois pensadores reside na relação entre a morte e a liberdade. Enquanto Heidegger vê na antecipação da morte uma forma de dar significado à vida, desafiando as imposições do impessoal, Sartre acredita que a morte dissolve toda liberdade e significação, passando o controle sobre o significado da vida para o discurso alheio. Heidegger valoriza a morte como um meio de afirmação da autenticidade, enquanto Sartre vê nela uma negação da liberdade e da autonomia.

Essas duas visões não são apenas intelectualmente desafiadoras, mas continuam a influenciar amplamente as discussões filosóficas sobre a finitude e a liberdade. Em última análise, a morte, para Heidegger, é um fator existencial fundamental que estrutura a possibilidade de uma vida autêntica, enquanto, para Sartre, ela é um evento contingente que dissolve qualquer possibilidade de significado. Ambas as perspectivas nos convidam a confrontar a morte, seja para afirmar nossa liberdade e autenticidade ou para reconhecer as limitações e o absurdo da existência humana.

Portanto, o debate entre Heidegger e Sartre sobre a morte nos leva a refletir profundamente sobre como nos posicionamos diante da nossa própria finitude: será a morte um catalisador para a realização de nossa autenticidade, como sugere Heidegger? Ou, como propõe Sartre, ela simplesmente nos retira qualquer e toda possibilidade e torna nossas vidas vulneráveis ao controle do outro? Ambos os

pensadores nos oferecem chaves importantes para compreender como podemos viver com mais consciência de nossa mortalidade, e inclusive que o sentido é dado por nós e pelo outro e como essa compreensão molda, ou até limita, nossa busca por significado e liberdade.

Abstract: This paper investigates the notion of death from the philosophical perspectives of Martin Heidegger, in *Being and Time*, and Jean-Paul Sartre, in *Being and Nothingness*. We aim to understand how both authors structure this issue by analyzing their relationship with the concepts of anguish, authenticity, and freedom. Heidegger argues that the awareness of death allows human beings to live authentically, embracing their finitude and shaping their existence based on individual choices. In contrast, Sartre rejects the idea that death can confer any meaning to life, emphasizing that, upon dying, the being loses its freedom and becomes an object of the other's discourse. Throughout the paper, we discuss the main points of convergence and divergence between these approaches, highlighting their implications for existentialist philosophy and for understanding the meaning of life and death.

Keywords: Anguish, authenticity, death, Heidegger, Sartre.

Referências bibliográficas

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte I e Parte II. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Søren. *O Conceito de Angústia*. Trad. T. Guimarães. São Paulo: Hemus, 1968.

NUNES, Benedito. *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PIZZOLANTE, Rômulo. *A Essência Humana como Conquista: O Sentido da Autenticidade no Pensamento de Martin Heidegger*. São Paulo: Annablume, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Tradução e notas de Paulo Perdigão. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

TOLSTÓI, Leon. *A Morte de Ivan Ilitch*. Trad. Vera Karam. São Paulo: L&PM Pocket, 2010.